

O MIGRANTE E A PATOLOGIZAÇÃO DO SEU SOFRIMENTO

THE MIGRANT AND THE PATHOLOGIZATION OF THEIR SUFFERING

Fabíola Giacomini ¹[0000-0001-9624-4859]
Francisco Carlos dos Santos Filho ²[0000-0001-7868-2003]
Bruna Fátima Gallina ³[0000-0002-6109-5301]
Carolina Jainara Lavall Zandoná ⁴

¹ PROJETO- Associação Científica de Psicanálise e Humanidades
² Universidade de Passo Fundo (UPF) / Projeto Associação Científica de Psicanálise e Humanidades (ACPH)
³ PROJETO: Associação Científica de Psicanálise e Humanidades
⁴ Projeto Associação Científica de Psicanálise e Humanidades
giacomini.fab@gmail.com, santos@upf.br, bruna-gallina@hotmail.com, carolinajainara@gmail.com

Resumo. A migração, o desamparo e a estrangeiridade fazem parte da condição humana, pois nos primórdios da vida somos estrangeiros inseridos num laço social, cultural, afetivo, subjetivo e familiar que, pode ou não, nos acolher. Tal processo compõe a própria constituição subjetiva humana. Desse modo, este ensaio propõe, desde noções conceituais da Psicanálise, refletir a respeito da experiência de desamparo do migrante frente à estrangeiridade em duas dimensões interligadas: o estrangeiro do mundo externo e o do interno, o inconsciente. Argumenta-se que o migrante revive aspectos ligados à experiência do desamparo que pode se desdobrar ao ponto de produzir como resposta o sofrimento psíquico, o qual, atualmente, tende a ser lido sob as lentes da medicalização e patologização. Identificamos na escuta do sujeito em sua singularidade e no reconhecimento desse estrangeiro interno - o próprio mal-estar e sua ligação inconsciente- como modos de cuidado complexos e relevantes no campo da saúde mental global.

Palavras-chave: Emigração, Sofrimento Psíquico, Infamiliar, Desamparo, Subjetividade

Abstract. Migration, helplessness, and foreignness are part of the human condition, because at the beginning of life we are foreigners inserted into a social, cultural, affective, subjective, and familial bond that may or may not welcome us. This process forms part of human subjective constitution itself. Thus, drawing on conceptual notions from Psychoanalysis, this essay proposes a reflection on the migrant's experience of helplessness in the face of foreignness in two

interconnected dimensions: the foreigner in the external world and the internal foreigner, the unconscious. It argues that migrants relive aspects related to the experience of helplessness, which may unfold to the point of producing psychological suffering as a response, currently tending to be read through the lenses of medicalization and pathologization. We identify listening to the subject in their singularity and recognizing this internal foreigner—their own malaise and its unconscious connection—as complex and relevant forms of care in the field of global mental health.

Keywords: Emigration. Psychological suffering. Uncanny. Helplessness. Subjectivity.

1 Introdução

Este ensaio preliminar, situado no eixo *Desafios Globais, Culturais e Subjetividade Humana*, pretende desenvolver uma aproximação conceitual entre os conceitos do *Infamiliar* e de *desamparo primordial* na obra de Sigmund Freud, articulando-os às noções de estrangeiridade e da medicalização e patologização do sofrimento psíquico na atualidade. Busca-se, através desse diálogo, vias de compreensão para aspectos subjetivos complexos presentes no processo migratório e que concernem ao campo da saúde mental global.

Partimos do entendimento que o sofrimento psíquico envolvido na experiência de migração é parte constitutiva da dinâmica do processo de mobilidade humana. Tal mobilidade está sempre ligada a deixar aquilo que é familiar, os vínculos e espaços de acolhimento e pertencimento em direção ao novo, o que pode despertar no sujeito, em um só tempo, tanto a admiração, o fascínio, a esperança com o futuro, como também o sentimento de desamparo, o incômodo, o infamiliar.

Assim, o fenômeno migratório mostra-se multifatorial e dinâmico desde o âmbito político, sociocultural, econômico e psíquico, estando ligado a uma transposição de territórios que se dá, para o sujeito migrante, ao mínimo, em dois planos: o geográfico e o psíquico.

No plano psíquico - aqui nosso objeto de estudo - a mudança radical de territórios e culturas complexifica o campo das manifestações do sofrimento subjetivo do sujeito migrante. Concebemos que este mal-estar, inerente aos processos migratórios, é um modo de resposta emocional ligada ao desamparo, diante de, pelo menos, duas dimensões. 1. O desamparo no contato do migrante com o estrangeiro, com o mundo externo - as diferenças na língua, na cultura, no território; 2. O desamparo no contato do migrante com uma dimensão de si mesmo que lhe é interna e inconsciente: uma experiência que reativa o núcleo primordial da constituição humana singular, que se representa como o estranho e *infamiliar*.

Ressaltamos que o encontro com o desamparo é próprio da condição humana, isto é, uma experiência universal, ao mesmo tempo que, intimamente singular, podendo mobilizar uma gama de afetos - como angústia, medo, incerteza - e, sobretudo, produzir sofrimento psíquico. A intensidade e as manifestações desse sofrimento estão ligadas aos aspectos únicos da constituição psíquica de cada sujeito migrante. Contudo, há uma tendência global em realizar leituras com as lentes da medicalização e patologização das respostas

subjetivas dos sujeitos. Especialmente, dos modos singulares de sofrimento, os quais quando são inscritos sob o signo da patologia, reduzem a experiência subjetiva numa categoria psiquiátrica através de rótulos diagnósticos psiquiátricos, o sujeito a uma enfermidade, e invisibilizam a subjetividade.

2 Resultados

O ensaio de Freud intitulado “O infamiliar” (2019 [1919]) constitui-se como ferramenta conceitual para o desenvolvimento deste tema, pois, apresenta o conceito de infamiliar como algo inquietante e estranho que brota desde dentro de nós, e, quando emerge, produz sensações de estranhamento, desconcerto, receio ou angústia. Sem querer reduzir toda a complexidade posta por Freud, mas recuperando o central para a compreensão de nosso tema, são fragmentos de nosso mundo psíquico interior, estranho ao nosso eu racional, que são sentidos como um estrangeiro de nós mesmos. Acompanhando o raciocínio de Freud, vamos compreendendo que se trata da emergência do inconsciente, essa parte de nosso psiquismo que é desconhecida de nós mesmos, mas que, em outro tempo da vida psíquica, ou seja, nos seus inícios, já nos foi familiar.

No contexto migratório, observamos que o sujeito depara-se com a vivência do desamparo advinda do contato com a estrangeiridade que é externa e interna. Freud (1996 [1895]) conceitualizou este sentimento como desamparo primordial. Uma condição que nos inícios da vida experienciamos enquanto recém-chegados ao mundo e dependentes da disposição relacional de outro humano, que com sua experiência de vida é capaz de nos ofertar representações e humanizar-nos, inserindo-nos na cultura. O sentimento de desamparo do migrante pode lhe causar sensações angustiantes e manifestações de sofrimento subjetivo provocadas pelo acionamento dos restos dessa atividade psíquica primária - o desamparo primordial - que carregamos dentro de nós.

Contudo, a falta de discernimento desse complexo processo psíquico inconsciente, que é própria do humano, pode conduzir aos fenômenos da patologização e medicalização dos processos de sofrimento. Ressaltamos que a patologização do sofrimento é fruto do processo da medicalização da vida.

Segundo Conrad (2007), a noção de medicalização se configura quando um problema não-médico, como por exemplo comportamentos e estados de sofrimento psíquico, passam a ser definidos e classificados em termos médicos (como doença ou transtorno), além de serem abordados e tratados pelo viés da racionalidade médica (na maioria dos casos, com remédios, a medicação). Tal olhar sob o mal-estar psíquico produz a patologização, que tem se expandido amplamente com o alargamento das categorias diagnósticas, tendência dos atuais manuais diagnósticos dos transtornos mentais. Dessa maneira, tem se prestado a ‘encaixar’ grande parte da resposta subjetiva humana, como sinais de sofrimento, a um signo patológico.

A patologização do sofrimento humano é uma maneira de dar um rótulo ao estranho, uma tentativa de nomeá-lo, dominá-lo, mesmo ao custo de emplastar o sujeito e anular sua subjetividade. A medicalização tende a reduzir ou aniquilar o enigma do humano, dando um nome que serve para todos, como se assim fosse possível sintetizar o campo da complexidade e subjetividade. Tais fenômenos, quando incidem sobre o sofrimento e desamparo do sujeito migrante, resultam no silenciamento dos modos de sentir e existir diante do complexo processo de tornar-se estrangeiro. Ainda, podem privar o migrante

do seu direito de sentir, elaborar e integrar a experiência de desamparo em sua história singular. Tornando o próprio sofrimento estrangeiro ao migrante.

3 Conclusões

Neste contexto, a Psicanálise é uma potente via para a sustentação das singularidades dos sujeitos desde uma posição ética e política, capaz de contribuir para o reconhecimento daquilo que é interno e subjetivo, isto é, o estrangeiro que nos habita e permeia desde a trajetória de cada um, seja ele migrante ou não.

A via que apresentamos abre caminho para que o sofrimento subjetivo presente nos processos migratórios possa ser inscrito desde outra perspectiva que não sua patologização e medicalização, mas na condição humana radical, que deve ser acolhida e escutada em sua singularidade.

4 REFERÊNCIAS

1. BLEICHMAR, Silvia. A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.
2. FREUD, Sigmund. O infamiliar/Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. 1919. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
3. FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia Científica. 1895. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.